

# TRABALHO E MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: UM DIALOGO POSSÍVEL NO ÂMBITO DA LUTA EMANCIPATÓRIA?

---

RUY MOREIRA\*

**D**urante a **II Jornada do Trabalho**, organizada pelo **CEGeT –CEMOSI** na FCT-UNESP de Presidente Prudente em outubro de 2001, tivemos a oportunidade de escutar e conversar com o Professor Ruy Moreira, entre outros convidados ao evento. Sob o título de **Trabalho e movimentos sociais no Brasil: um diálogo possível no âmbito da luta emancipatória?** inaugurou-se a segunda edição do que vem se constituindo como um fórum de debate entre estudantes,

---

\* Prof. de Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF).

professores e pesquisadores das ciências humanas, interessados na ampliação da discussão sobre o Mundo do Trabalho. A Conferência de Abertura, que a continuação apresentamos, correu a cargo do professor Moreira, quem, além de incentivarmos através da sua fala a refletir sobre as *geografias do trabalho*, promoveu um rico debate do qual recolhemos aqui as questões mais significativas.

### Professor Ruy Moreira

A partir do tema sugerido para esta palestra me proponho a desenvolver alguns

pontos que venho expondo ao longo de outras mesas e em outros momentos, no sentido de questionar-nos se o tema do trabalho poderia ser desenvolvido, discutido pela Geografia, se existiria algo entorno de uma *geografia do trabalho*, com letra minúscula, não como uma corrente nova na Geografia, mas na tentativa de dar respostas a algumas perguntas: com que armas? Com que bagagens?, com que recursos teóri-cos e metodológi-cos de mediação o tema do trabalho poderia ser trabalhado na Geografia? Não só por quem é da área da Geografia, mas por quem trabalha com a Geografia por achar que ela ajuda a responder de algum modo a questão do trabalho, do ponto de vista do trabalho, do ponto de vista dos trabalhadores, do mundo do trabalho, do trabalho.

Neste sentido, começarei apresentando o que nesta exposição estarei entendendo por trabalho, para facilitar então essa busca de um cruzamento e convergir assim para o diálogo possível no âmbito da luta emancipatória. O trabalho e o movimento social no Brasil, analisados pelos geógrafos e por quem trabalha com Geografia, seja geógrafo ou não, merece nossas atenções. Nesta exposição trabalharei com dois modos de entender, e de conceituar o trabalho. Um, bem amplo, é o de ver o trabalho como sendo aquela relação metabólica entre o homem-sociedade, e aquilo que a nossa cultura a partir do Renascimento vai designando por natureza, ou seja, a relação metabólica entre o homem e o meio, o homem e a natureza. Uma relação na qual e por intermédio da qual esse mundo com o qual o homem interage vai sendo modificado por ele constantemente. Enfim, o trabalho entendido como relação metabólica entre o homem-sociedade e a

*... o tema do  
trabalho poderia  
ser desenvolvido,  
discutido pela  
Geografia*

natureza, que leva a esse conjunto, sociedade-natureza, a ser transformado permanentemente. Esta primeira conceituação, bem ampla, caminha na direção de considerar uma Geografia relacionada com o trabalho.

Um outro modo de entendimento do trabalho, é vê-lo como processo também, mas um processo mediante o qual o homem realiza o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade. Os dois conceitos estão ligados. Posteriormente, entenderemos como sendo as configurações, as formas de configurações espaciais, territoriais que o trabalho, seja entendido a partir da primeira idéia, seja a partir da segunda, vai adquirindo, de um modo variável, de sociedade para sociedade, de um momento para outro momento do tempo desta sociedade.

Isso nos leva a uma discussão sobre o trabalho na Geografia, em dois grandes planos: o plano da relação própria do metabolismo homem-meio, e o plano do que os sociólogos têm chamado de espaço do trabalho.

Um conjunto de temas é trabalhado, discutido, investigado, analisado num primeiro nível da escala, do plano mais amplo da relação homem-meio. Genericamente, apresentados hoje como questões ambientais, questões de relação da técnica com o espaço, com o território.

A segunda escala de entendimento, nos remete a um outro campo de temas, de diversidade temática. Neste sentido que entram os temas habituais do discurso sociológico, antropológico, econômico e que só recentemente chegou para nós como discurso da Geografia. Temas como a regulação fordista, a regulação toyotista, a produção flexível, o trabalho flexível e assim sucessivamente. Aspectos que vão dar em configurações do tipo o chão de fábrica, aquele tipo de configuração espacial interna da fábrica, do taylorismo, do fordismo, do espaço do escritório, das interligações de tudo isso como sendo o âmbito de trabalho, do mundo do trabalho fabril com

seu desenho, com a paisagem que todos nós conhecemos. E também, a extrapolação desta configuração do âmbito interno da fábrica, para o plano mais geral, do espaço arrumado em função do que nós chamaremos de uma centralidade fabril. Um espaço arrumado a montante e a jusante pela fábrica e em função de ser, então, uma cidade fordista, uma região fordista, uma relação cidade-campo fordista, um espaço nacional fordista, um espaço mundial fordista, neofordista, hoje toyotista, etc.

Intencionalmente quero trazer para discussão do movimento social, um conjunto de assuntos daquele primeiro e mais genérico campo temático, entre eles, a questão ambiental. Eu não trabalho com meio ambiente, não vivo me preocupando muito com esta questão, mas acho que numa reunião como esta, convocada por geógrafos, organizada por geógrafos, é hora deste tema ser trazido para a discussão do movimento social, para além do movimento social ambientalista ecologista. Até porque o tema do problema ambiental sempre foi tema de quem se dedicou ao mundo do trabalho. A legislação trabalhista brasileira, e não só brasileira inclusive, prevê um certo conjunto de regras de proteção ao trabalho, relacionadas a problemas ambientais próprios, típicos, característicos da fábrica. Mas não é por aí que gostaria de discutir a questão.

Apresentado, então, o que vamos entender por trabalho, e por onde as duas formas de entendimento entrariam num discurso de uma *geografia do trabalho*, entrarei no assunto propriamente dito que antecede ao que está escrito como tema. Qual seria o eixo que nos permitiria juntar tudo num discurso

minimamente integrado? A relação capital x trabalho. Por onde, no meu entendimento, o metabolismo, a relação metabólica homem-meio, no discurso da *geografia do trabalho*, entraria na relação capital x trabalho? Numa certa estratégia de transferência que o capital vem utilizando há muito tempo: dos custos do trabalho do âmbito direto da relação capital x trabalho, para a relação capital x recurso.

Por aí que essa relação metabólica entra. Desde o período em que a relação capital x trabalho surge com a manufatura, até o período em que a relação capital x trabalho ganha o seu formato capitalista propriamente dito, com a Revolução Industrial e o surgimento da fábrica, nesse decurso de tempo que vai entre o surgimento da manufatura e o surgimento da fábrica, não há ainda muito este tipo de estratégia de transferência. O capital não usa muito do recurso de realizar este movimento,

de resolver os problemas que tem com o trabalho expulsando os problemas deste âmbito para levá-los para o âmbito da relação dele com os recursos naturais, como o meio ambiente. Não há a necessidade, digamos assim, neste período de

tempo, de o capital realizar este tipo de deslocamento de problemas, de um âmbito de relação para um outro âmbito de relação. Até porque, tecnologicamente ele não teria condição de operar este deslocamento, neste intervalo de tempo. Mas, sobretudo, não há, um mínimo de organização de transportes, não há um mínimo de organização de circulação, não há um mínimo de distribuição de infraestrutura necessária para que o capital opere o processo da acumulação entre os mais diferentes lugares, mesmo no âmbito restrito de um país só, já não digo em escala mundial. Não há uma relação entre técnica e espaço que

*Por onde a relação  
metabólica homem-meio, no  
discurso da geografia do trabalho,  
entraria na relação capital x  
trabalho?*

permita o capital nesse momento operar este deslocamento.

Mas a razão maior ainda é outra. É que os trabalhadores ainda não estão organizados a ponto de forçar o capital a ter que mobilizar este tipo de estratégia. Este é o momento em que a classe operária mal surgiu, sociologicamente inclusive, trabalhando nas manufaturas e ainda nas primeiras fábricas, é muito mais o trabalhador artesanal do que o trabalhador típico (aquele que só apareceu na literatura como o operário típico do capitalismo que se organiza e combate o capital), porque este, inclusive, só vai surgir, no tempo da segunda Revolução Industrial ou no estágio bem adiantado da primeira Revolução Industrial.

Ainda estamos frente ao artesão, com sua habilidade artesanal, com sua autonomia artesanal, com as ferramentas de propriedade sua, que ainda está trabalhando e vivendo a sua relação com o capital na manufatura e um pouco além da manufatura. De modo que, o conflito que já vive com o capital, se resolve no plano da geografia que existe da configuração determinada pela ação técnica-espço, que eu falei, e também do seu nível de consciência e de consciência da realidade nova, de consciência de classe. O que surge aí, é um movimento mutualista, por exemplo, resolvendo-se os problemas no plano do mutualismo.

Só quando a técnica industrial avança mais, chega próximo da fábrica e a Revolução Industrial acontece, introduzindo a fábrica no mundo do trabalho, no mundo da indústria, é que a classe operária surge definitivamente

enquanto tal e o mundo do trabalho moderno também surge enquanto tal. Nesse momento, as formas de organização dos trabalhadores vão se definindo de um modo mais contundente com capacidade de jogar a classe trabalhadora sobre o capital e logrando obter conquistas nesse confronto com o capital. Aí o capital vai sentir a necessidade de fazer os deslocamentos.

Esclarecendo: o surgimento e o aumento da capacidade de luta dos trabalhadores contra o capitalismo, dentro da relação capital x trabalho, isso vai se traduzir para o capital num custo crescente do trabalho. A força de trabalho vai se tornando cada vez mais cara para o capital, por enquanto ele vai podendo resolver através de uma desterritorialização crescente do campesinato, que nós chamamos de tomada de terras dos camponeses, expulsão dos camponeses de suas terras, proletarianização dos camponeses, “força de barra” para o abandono do campo de fato, do campesinato, a sua migração para se concentrar na cidade e inclusive, “força de barra” no sentido de evitar que o camponês, saindo de sua área rural migre para outras áreas rurais, exigindo e criando todo um mecanismo para que o destino da

*o surgimento e o aumento da capacidade de luta dos trabalhadores contra o capitalismo, dentro da relação capital x trabalho, isso vai se traduzir para o capital num custo crescente do trabalho. A força de trabalho vai se tornando cada vez mais cara para o capital*

migração camponesa seja a cidade. De modo que o camponês se concentra na cidade por este movimento que aparentemente é espontâneo, mas que eu acabei de dizer que não tem espontaneidade própria-mente nenhuma. O êxodo rural

não é um movimento espontâneo, é um movimento conduzido pelo capital através do uso de um conjunto de recursos, entre outros, de uma certa ordenação da configuração espacial, com a intenção de criar na cidade e na

sociedade burguesa que está surgindo como um todo, um exército de reserva de trabalho, o capital vai resolvendo neste momento inicial este problema do custo.

Acontece, que a capacidade interna em certos países do êxodo rural vai reduzindo. Na Inglaterra há uma “descamponesação” e uma proletarianização do campesinato muito rápida, num tempo tão curto que, logo, deixa de ver o campo como exército de reserva de força de trabalho. O exército de trabalho que se forma na cidade com a própria expansão fabril vai sendo consumido e reduzido até chegar a um limite mínimo.

Em alguns países o êxodo rural tem uma capacidade mais prolongada de duração, mas de qualquer maneira, esta é uma forma de reduzir-se os custos de trabalho para o capital que força o capital a buscar, a deslocar, a mobilizar, uma segunda fonte de combate ao encarecimento da força de trabalho para si: o metabolismo, o uso da relação homem-meio, o metabolismo sociedade-natureza, homem-natureza.

Estamos no final do século XIX, por volta de 1860/1870. O capitalismo vai avançando sobre territórios de todos os continentes, disputando através dos Estados nacionais, domínios de recortes territoriais, dando origem ao que a História e a Sociologia e a Geografia designaram como o fenômeno do Imperialismo. Fenômeno que deve ser discutido hoje à luz do fenômeno denominado de *globalização*.

A globalização significou o fim do imperialismo? A globalização significa o imperialismo passando a existir sob outras formas? O imperialismo desapareceu? Na verdade, a globalização é apenas um jogo de retórica e o que existiria seria o imperialismo, sem mudanças de qualidade nenhuma, apenas usando uma roupagem? O que nós teríamos nos dias de hoje? E como que num contexto

internacional este tema dos movimentos sociais vai encarar, no sentido do enfrentamento, este momento de agora, do avanço do poderio militar? Que não é mais das grandes potências numa disputa de *recortamento* territorial entre si, mas delas como um todo, como um bloco, como se fosse um só, uma só potência, sobre países como o Afeganistão, e daqui a pouco sobre a Colômbia e antes da Colômbia, com toda a certeza, o Iraque e sabe-se lá que outros lugares, porque isso está mais do que anunciado.

Sob a égide do poderio militar norte-americano, o conjunto dos países que vivem problemas localizados internos vai tomar este caminho. Desde a China até os EEUU, passando, quem sabe até por países como o Brasil. Quem sabe, se daqui a pouco, não estaremos vendo, porque ninguém definiu nos EEUU, na Inglaterra, ou em canto nenhum, o que está sendo chamado de terrorismo. Estar-se-ia chamando de terrorismo, por exemplo, o Movimento dos Sem Terra?

## A globalização significou o fim do imperialismo?

Qualquer coisa que incomode o capital na sua hegemonia internacional vai se traduzindo com o tempo e com o costume como terrorismo. Qualquer coisa que incomode os governos estabelecidos vira terrorismo. Isto é o imperialismo moderno? Ele deixou de existir? Nós estamos num mundo globalizado, mas, que estranho, não é a Inglaterra entrando em confronto com os EEUU, o que está acontecendo agora? Nem conseguimos entender se a máquina de guerra é americana porque quem aparece como propagandista da Guerra é o primeiro ministro da Inglaterra, mas o problema é dos EEUU, deveria ser o presidente dos EEUU, mas é o primeiro ministro da Inglaterra que faz a propaganda toda dos acontecimentos, mas que coisa misturada é essa que está acontecendo!? Isto nos remete, e é isso que eu estou querendo

tratar, a uma discussão para trás, ou seja, a uma rediscussão: será que precisamos rediscutir os nossos conceitos passados, rever esses conceitos, por exemplo, o conceito de imperialismo estaria correto? Nos *embatucando* nos dias de hoje se ele está equivocado? Se ele está correto, por que eles não coincidem, não batem exatamente com as manifestações da conjuntura de hoje: políticas, empíricas, tecnológicas e comunicacionais. Por que não batem exatamente no nosso *corpus* conceitual, teórico?

Mas retomando o ponto que estava discutindo, esse metabolismo, onde ele entra na questão dos movimentos sociais?, numa *geografia do trabalho*? Na relação com os recursos naturais. Que significa a relação com os territórios. Implicando a montagem das configurações territoriais apropriadas. Entrando aí a discussão do imperialismo. E nós conhecemos essa história. Como baratear o custo do trabalho? Consumindo numa escala maior (numa contrapartida à ação dos sindicatos, dos partidos operários que são os responsáveis, digamos assim, para o capital, do aumento desse custo) e num ritmo cada vez mais acelerado recursos mais baratos. Pouco se importando, o capital, se daqui a pouco ele vai descobrir que são também os mais esgotados. Consumir energia em grande escala, consumir minério de ferro e outros minérios metálicos em grande escala, consumir recursos madeireiros em grande escala, consumir solos férteis em grande escala (os solos férteis para a produção de alimentos).

Neste sentido, sempre a teoria clássica nos ensinou que uma forma de se reduzir (reduzir sempre para o capital, não para o trabalhador) o peso do custo da mão de obra no custo geral da produção industrial, portanto, na taxa da acumulação do capital, era reduzir cada vez mais o custo da produção do alimento, para fazer que o custo do alimento, entrando no custo do salário com um peso cada vez menor,

levasse a reduzir o custo do salário para o capital e para a acumulação capitalista.

Inclusive, isto recebeu o nome de batismo nessa teoria clássica, chamou-se a isso *mais-valia relativa*, e nisto é que ela diferia da *mais-valia absoluta*. Só que nos esquecemos de introduzir

*onde entra o  
metabolismo  
na questão dos  
movimentos  
sociais?*

no discurso da mais-valia relativa, a incidência forçando o custo para baixo de outros elementos da natureza, não só os alimentos que vêm do solo. O minério de ferro foi consumido em

grande escala com essa finalidade de viabilizar a mais-valia, como a forma de resolver este problema cada vez mais sério para o capital, ou seja, de como fazer com que o custo do trabalho cada vez maior, ao contrário, caísse e se tornasse cada vez menor?

A passagem do período, na história do capitalismo, da mais-valia absoluta para a mais-valia relativa, se dá justamente com a passagem da Primeira Revolução Industrial para a Segunda Revolução Industrial. Centrando-se esta inclusão na reprodução, nos custos da reprodução da força de trabalho, de um elenco cada vez maior de recursos naturais, para além dos solos, na sua ligação com a produção de alimentos. Quanto mais se consumia minério de ferro, mais isto se traduzia para o capital na sua relação com o salário numa redução do custo do salário. Numa redução que vai ficando mais complicado no sentido de que quanto mais tempo se passava mais aumentava o poder de pressão da classe trabalhadora.

Do movimento mutualista, a classe trabalhadora passa para o movimento sindical, que é um aumento de poder de confrontação com o capital muito grande. Passa-se a extrair do capital direitos trabalhistas, salários sucessivamente mais elevados. Primeiro em termos brutos, depois em termos até mais

qualitativos, com a inclusão nos cálculos de salário dos ganhos de produtividade, de margens dos ganhos de produtividade do capital para o trabalho. Se o ganho de produtividade do capital era de 100% num certo momento, os trabalhadores exigiam que pelo menos uns 30% deste ganho fossem transferidos para o salário na forma de aumento de salário.

Isso que vai marcar a diferença no perfil do salário de um operário nos EEUU comparado com um operário no Brasil. A grande diferença do salário de lá, do trabalhador de lá, sempre foi, que lá no cálculo do salário sempre, e cada vez em margem crescente, houve a participação nos ganhos de produtividade. Aqui isso só aconteceu no período do final da ditadura militar, da recente ditadura militar e assim mesmo, logo os trabalhadores perdem esse ganho, esta capacidade organizativa de forçar o patronato transferir margem dos seus ganhos de produtividade para o âmbito do salário, para o montante do cálculo do salário e para algumas categorias, por exemplo, os metalúrgicos. Aquelas

categorias que trabalhavam nos setores que eram

justamente os setores de ponta do modelo de acumulação daquele momento. Aquele modelo centrado na indústria automobilística, e isso enquanto a indústria automobilística na sua expansão no Brasil significava um pólo dinâmico, tão dinâmico que era capaz de passar margens de dinamismo para todos os outros segmentos da economia, os outros setores da atividade econômica brasileira, inclusive a agricultura.

Nós sabemos que com o tempo, este dinamismo da indústria vai diminuindo no próprio ramo da indústria automobilística e a

indústria vai perdendo a capacidade como um todo de extrair do setor automobilístico dinamismo. O setor de plásticos perde dinamismo, o setor da borracha perde ritmo, o setor de metais vários perde ritmo, na medida em que o ritmo expansivo, o ritmo do dinamismo do pólo automobilístico vai diminuindo. E isto lá na retaguarda da indústria que é a agricultura, acaba acontecendo também.

É a crise do modelo industrial que foi anunciada como crise da indústria substitutiva de importações, mas que na verdade, foi crise do regime de acumulação daquele momento, do modelo de acumulação do capital no Brasil daquele momento. Aquele modelo central da indústria automobilística e que vai explicar muito da história da CUT.

Por que, por exemplo, as presidências da CUT foram sucessivamente e até há pouco ocupadas por líderes sindicais saídos do movimento metalúrgico? Talvez, esta seja uma das explicações da origem da “articulação”. Por que é que a cara da “articulação”, até há pouco tempo, teve a cara do setor metalúrgico automobilístico? A cara do Meneguéli, a cara

do Vicentinho. Agora, tem a cara de um professor. E antes se

tentou que tivesse a cara de um dirigente dos sindicatos dos bancários. De qualquer maneira, a coisa se esparramou. Porque não dá mais, a crise avançou, o esgotamento já se tornou final, não dá mais para garantir uma performance mínima para a indústria brasileira, e conseqüentemente para a economia como um todo, a partir dos resultados da indústria automobilística. Ela pura e simplesmente hoje está em seu dinamismo do poder de compra da classe média, e não mais de sua tecnologia intrínseca e do seu modelo de organização.

*Por que as presidências da CUT foram sucessivamente e até há pouco ocupadas por líderes sindicais saídos do movimento metalúrgico?*

Na minha opinião, não adianta trocar regulação fordista por qualquer outro tipo mais avançado de regulação – flexível, toyotista – no âmbito das indústrias automobilísticas para se resolver o impasse, porque o impasse é de modelo de acumulação, de regime de acumulação.

O problema é que o capital no Brasil não encontrou de lá para cá, nenhum outro pólo dinamizador, nenhum outro setor da economia brasileira com a mesma capacidade de polarizar de modo dinâmico a economia como um todo. Aquele pólo que o setor têxtil exercera antes do golpe militar de 64, por exemplo, que caracterizava o regime de acumulação daquele tempo. O pólo que o setor automobilístico vai exercer até recentemente, mas que já não exerce mais hoje. Quanto à agricultura, tentou-se, mas esta não foi suficiente para segurar, para sustentar o dinamismo da economia brasileira. O setor de serviços não conseguiu sustentar nada até agora.

De uma certa maneira, isto talvez nos ajude a entender a rapidez da propagação do neoliberalismo mundo afora e por que este esgotamento do regime de acumulação não funcionou só no solo brasileiro. Ele acontece na Argentina, no México, na Venezuela, nos EUA. Só que os EUA tiveram condição de extrapolar a crise para sua internacionalização, justamente via medidas como o neoliberalismo. Entendendo como neoliberalismo, em poucas palavras, o modelo econômico centrado no deslocamento do desenvolvimento da economia, da poupança interna, para a poupança internacional, mais com base numa natureza de capital especulativo, que operou o

*não adianta trocar  
regulação fordista  
por qualquer outro  
tipo mais avançado  
de regulação –  
flexível, toyotista*

milagre, via privatização das empresas estatais mundo afora, de transformar o que era uma poupança interna numa poupança externalizada.

Isto esgotou a Argentina, pois a Argentina não tem saída. Isto esgotou o Brasil. Isto esgotou os países que se apoiaram até agora no neoliberalismo. Isto que, na minha opinião, os estrategistas norte-americanos, ingleses, franceses, etc., entenderam e talvez seja uma das razões desta Guerra<sup>1</sup>.

Abrindo um parêntese, lanço duas perguntas para refletirmos sobre as ligações de tudo isso com a Guerra. A Guerra com a natureza com que ela está ocorrendo. Faço questão de juntar a Guerra a dois aspectos.

O primeiro: antes de a Guerra acontecer, a recessão americana já vinha acelerada, e anunciada no mundo inteiro como uma recessão mundial. Os jornais naquele momento chamavam a isso de “desaceleração mundial”. Antes do ataque às Torres Gêmeas, antes da transformação do ataque nesta ação de Guerra sobre o Afeganistão,<sup>2</sup> antes, então, de tudo isso acontecer, a literatura, a imprensa, a mídia internacional já falava da “desaceleração mundial”. Fica a sugestão para vocês pensarem se estas duas coisas teriam alguma ligação.

O segundo aspecto. O que é que isso teria a ver com a eleição de uma direita sem legitimidade nos EUA, que com argumento na Guerra e no ataque ao terrorismo, a primeira ação que faz é partir para acabar com a liberdade civil internamente nos EUA? Só

<sup>1</sup> A Guerra dos EUA contra o “terrorismo”.

<sup>2</sup> Sobre o chamado terrorismo, sobre os pólos do terrorismo. Os norte-americanos hoje estão reconhecendo mais de 40 focos de terrorismo espalhados pelo mundo, que pretendem ser destruídos através da Guerra. Esta Guerra, com a natureza com que está sendo realizada hoje é muito diferente do que foram as Guerras até hoje. Ela introduz uma qualidade nova de Guerra Mundial, diferente da 1ª Guerra Mundial, diferente de uma 2ª Guerra Mundial, tão diferente que talvez, seja ousado chamá-la de 3ª Guerra Mundial, por ser ela tão diferente das anteriores.

não acabou de fato porque a sociedade civil americana é muito forte e tem uma tradição de muitos anos. Houve uma reação interna no próprio Congresso e aí reduziram as liberdades civis apenas nisso ou naquilo.

Tendo em conta estas circunstâncias o meu receio e a minha indagação é se isso não é uma estratégia com a intenção de crescer, crescer, crescer. Porque está mais que claro, no meu entendimento, que o mundo caminha cada vez mais para o *endireitamento*, quer dizer para uma hegemonia mundial da direita aceleradamente. O neoliberalismo já era isso, mas com certo toque de conservadorismo. A coisa agora é mais violenta. Há certas maneiras do presidente dos EEUU vir à televisão e falar dos acontecimentos que são chocantes. O que está acontecendo realmente nesta Guerra é um confronto militar entre a direita dos países mais desenvolvidos e a direita dos países mais atrasados. É um confronto entre direitas. Bin Laden não é esquerda. Taliban não é esquerda. E o governo americano sabidamente é da direita. E o Giddens que explique o porque do Blair estar “entrando nessa”. Foi para o espaço a *Terceira Via*, e todos os livros e as teorias, e certamente as nossas referências acadêmicas de nossas teses e nossas dissertações. Não sei se mantemos essas referências nos nossos trabalhos acadêmicos?

Voltando ao tema, o que tentei expor até agora foi: há uma linha de discussão do tema proposto para esta palestra, “Trabalho e movimentos sociais no Brasil: um diálogo possível no âmbito da luta emancipatória”, uma linha das várias possíveis, de algo que poderíamos chamar de *geografia do trabalho*, que é esta que envolve a famosa relação homem-meio na Geografia. Uma leitura da forma de

relação homem-meio um pouco mais aberta, que nos permite, dentro dela, do seu campo de teorização, rever um conjunto de conceitos.

Se isso é possível, está aí o diálogo da Geografia com os movimentos sociais, a partir de elementos e categorias próprias da Geografia, e de repente, a discussão dessa relação homem-meio, vira uma discussão da *geografia do trabalho*, vira uma discussão dos trabalhadores, vira uma discussão dos movimentos sociais. Porque a pergunta seria (dando um pulo enorme no tempo), esta estratégia que o capital vem usando historicamente, de extrair, de expulsar do campo da sua relação imediata com o trabalho, para o campo da sua relação com a natureza, os custos crescentes para a acumulação capitalista, esta estratégia hoje, ainda existe? E se existe, que forma tem? Se na forma que tem inclui características novas, elementos novos, que características novas seriam essas? Que elementos novos seriam esses?

Por exemplo, a bio-pirataria na Amazônia? A pesquisa genética? Eu não trabalho com meio-ambiente, eu tenho uma visão muito crítica da questão, acho que a questão ambiental é importante, mas acho que pela linha que estou discutindo, ou pelo menos por aí que eu prefiro discutir, não é um assunto desimportante, o que eu estou discutindo é uma questão ambiental, é uma leitura de relação. Para mim, o discurso da biodiversidade talvez seja a nova forma da estratégia do capital, de deslocar os custos da sua relação com o trabalho para a relação com a natureza, então a relação do capital com a natureza faria parte da sua relação com o capital. É onde eu quero chegar.

*... o discurso da biodiversidade talvez seja a nova forma da estratégia do capital, de deslocar os custos da sua relação com o trabalho para a relação com a natureza*

Resumindo tudo isso que falei até agora, para quem trabalha com Geografia a relação do capital com a natureza é uma das dimensões, faz parte necessária da relação do capital com o trabalho. E se isto é verdade, este é um assunto que não é do desinteresse dos trabalhadores. Porque é por aí que o capital vem administrando o trabalho, a sua relação com o trabalho, para por aí, a gente achar a sua relação com os trabalhadores. E então, se é por aí que a estratégia do capital na relação com os trabalhadores vem passando historicamente, a Geografia não tem sido algo inofensivo para os interesses do capital, do capitalismo, ligada a uma ação capitalista e ela é muito menos ingênua do que Yves Lacoste imaginara no seu livro *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a Guerra*.

O tema não terminaria aí, porque não basta a relação metabólica, é preciso que ela vire configuração espacial. Por exemplo, qual foi a forma concreta do capital praticar essa estratégia? A dos *recortamentos* territoriais nos grandes impérios. O império americano, os grandes impérios dos imperialismos: o império americano, o império inglês; os *recortamentos* territoriais, um assunto que chamou tanto a atenção dos geógrafos, ou inclusive fora da Geografia, todo um campo teórico com a pretensão de uma autonomia, esvaziando politicamente a Geografia.

Estou me referindo à geopolítica, este sempre foi um tema dos geopolíticos: conquistar territórios, usar territórios, ordenar *recortamentos* territoriais, disputar os recursos destes territórios. E isto levando a duas Guerras Mundiais, vejam vocês, voltando à questão da Guerra de hoje, há um pouco ainda disso nesta Guerra? EEUU não está atacando Afeganistão gratuitamente, ou por causa do Bin Laden, não há nem a certeza de parte dos estrategistas norte-americanos de que esse homem continue no Afeganistão. De qualquer maneira, nos três ou quatro últimos dias o governo americano, as relações públicas em

nome do presidente dos EEUU, vem declarando algo que para quem está acompanhando com interesse a Guerra não causou nenhuma surpresa: “a Guerra agora no Afeganistão já ultrapassou nosso interesse de simplesmente eliminar Bin Laden, o interesse agora é simplesmente derrubar o Taliban”. Não é mais Bin Laden que interessa à Guerra, o que interessa agora é simplesmente mudar o governo do Afeganistão, colocar no Afeganistão um governo aliado dos EEUU.

O que o petróleo tem a ver com isso? O petróleo é um elemento do antigo imperialismo. Da antiga configuração territorial.

*... a relação do capital com a natureza é uma das dimensões, faz parte necessária da relação do capital com o trabalho*

Desse meu discurso da *geografia do trabalho* envolvendo a relação capital x trabalho, a relação capital x natureza, isso é coisa velha. Mais, talvez, o velho não tem desaparecido ainda,

precise sobreviver dentro do novo, e de repente, o novo que está aparecendo, o novo no sentido da nova forma globalizada do capitalismo, para se concretizar em alguns aspectos de finalização de formação histórica, ainda dependa do uso de recursos, como por exemplo, das velhas configurações geográficas, das velhas relações capital x trabalho, capital x natureza, trabalho x natureza, por exemplo, o domínio de reservas estratégicas como o petróleo.

A final de contas, o novo na globalização é o ciberespaço, a Internet, a rede. O nome disso, na prática, é energia elétrica. Ainda não se inventou energia elétrica que não passe pelas quedas de água (dos países que as tenham), pelo uso do carvão e pelo uso do gás natural e

do petróleo. O petróleo segue sendo, neste mundo globalizado e informatizado, um elemento chave, *sine qua non*, da relação capital. Essa coisa velha, num tempo que aponta para a biomassa, engenharia genética, ainda é o elemento chave dos acontecimentos, das concretizações das economias. Observando um mapa-múndi, desde a Turquia até o Kuwait, ou seja, pegando todo o lado ocidental da bacia petrolífera do oriente médio, todos os países são aliados dos EEUU, inclusive existem bases norte-americanas ali instaladas. No outro lado, no arco leste dessa bacia petrolífera, os EEUU não têm hegemonia, e exatamente o território do Afeganistão é a parte básica deste arco. Dominado o Afeganistão, o que acontece? Fecha-se o circuito de domínio do Oriente Médio do petróleo, com o adendo de que, além de se ter dentro deste amplo domínio territorial o controle mais completo, total, das reservas petrolíferas, que a esta altura não são mais reservas dos países árabes tradicionais, porque incluem as reservas dos países muçulmanos da ex-União Soviética, hoje sob a hegemonia da OTAN, quer dizer, dos EEUU de uma certa maneira. Dentro deste arco de domínio localiza-se também outro aspecto que está se querendo resolver militarmente na OTAN: os governos xiitas. Está o Iraque, está o Irã, mas o presidente dos EEUU já declarou que depois do Afeganistão, será a vez do Iraque.

Com tudo isto, há uma exemplificação de como o plano geral da relação metabólica, necessita arrumar-se no plano mais micro, na forma de arrumações

*quanto mais eu  
leio sobre  
espaço, mais  
me fortalece na  
cabeça a idéia  
de que para o  
capital, o  
espaço é uma  
forma de  
regulação*

geográficas, arranjos geográficos. Estes arranjos geográficos vão desde aqueles dos impérios até aqueles do chão da fábrica e quanto mais eu leio sobre espaço, mais me fortalece na cabeça a idéia de que para o capital, o espaço é uma forma de regulação. Assim a finalidade é o controle corporal do trabalhador.

O tema ambiental, no sentido mais largo que estamos discutindo, deve ser introduzido na discussão do movimento social para além do movimento social ambientalista, no movimento social como um todo, e também deve ser introduzida a questão do gênero, e mais que a questão do gênero, a questão do corpo. Controla-se o espaço para controlar-se os corpos. Esse é o fundamento do taylorismo. O taylorismo é todo um jogo de regras de controle do movimento do corpo do trabalhador, com a intenção de aumentar o ritmo do movimento corpóreo do trabalhador, aumentar o ritmo do uso dos braços, aumentar o ritmo do uso das pernas e evitar que o trabalhador tenha que movimentar para lá e para cá, mas para que ele fique sempre no mesmo ponto e só os braços se movimentem ou só os olhos se movimentem. Isso é uma configuração espacial, é uma configuração geográfica e, além disso, é um tema que o movimento sindical vem discutindo já de um certo tempo, só que ainda não foi introduzido por dentro das estratégias do movimento dos trabalhadores.

Assim quando estudarmos trabalho e movimento social no Brasil, a relação que existe entre ambos dependerá do que entendemos por trabalho. A pretensão de todo o apresentado até agora foi chamar a atenção de que o que nós entendíamos por trabalho até agora se enquadrava numa visão muito estreita. Era um instrumento do discurso dos sociólogos, dos antropólogos, dos economistas. Por isso existe uma sociologia do trabalho, existe uma antropologia do trabalho, existe uma economia do trabalho. Mas será que existiria uma teoria espacial do trabalho? Uma *geografia do trabalho*?

Uma teoria metabólica do trabalho? E afinal de contas, que referência intelectual é a que nós temos diante nessa discussão sobre o trabalho? A minha é Marx. E o que desde o começo Marx tentou discutir com os trabalhadores, foi um conceito de trabalho que levasse aos trabalhadores a consciência do seguinte: “Senhores trabalhadores, trabalho significa a luta de vocês para saírem do reino da necessidade direto para o reino da liberdade”. Enquanto o trabalho for uma prisão para este salto, o nome disso é alienação do trabalho, o nome disso é alienação do trabalhador. Nos dias de hoje, o nome disso é capitalismo. O que veio de entendimento do trabalho no meio da esquerda, inclusive a esquerda marxista, na minha opinião, foi um estreitamento absurdo deste entendimento.

Neste sentido, uma das idéias que eu pretendi compartilhar com vocês para pensarmos juntos foi que a partir do tema proposto para esta apresentação, “Trabalho e movimentos sociais no Brasil”, deveríamos pensar, num primeiro momento, no conceito de trabalho. Trocar o conceito estrito de trabalho utilizado até agora, por um conceito tão amplo que na nossa discussão a consequência imediata seja o resgate do sujeito na história, que as discussões neoliberais e pós-modernas extinguíram. Se conversarmos com os filósofos, eles afirmaram que estamos no pós-moderno, que o sujeito não existe mais. Mas para nós que estamos discutindo o trabalho, significa um impedimento para a discussão do trabalho. Não há discussão do trabalho sem discussão do sujeito. Porque não há trabalho sem sujeito trabalho. Seja o sujeito hegemônico que é o

capital, capitalismo, capitalista, seja o sujeito realizador efetivo do trabalho que é o trabalhador.

Mas no Brasil, como se daria tudo isto? Discutiríamos trabalho numa sala e Amazônia numa outra sala? Será que no Brasil, discutir trabalho seria uma discussão que aconteceria numa sala e a emancipação feminina, feminista, da mulher e de todos os estereótipos aconteceria numa outra sala? Que estamos querendo com essa discussão do trabalho? Aonde queremos chegar com essa discussão do trabalho?

Neste momento, talvez há um diálogo possível em nome da luta emancipatória, e para mim, a emancipação do trabalhador começa com a emancipação do homem. Discutir trabalho, na perspectiva do movimento social, para mim e neste momento, é resgatar todo um conjunto de coisas que se tinha deixado para trás,

como por exemplo: recuperar o trabalho como categoria chave da compreensão da história. O que a maioria dos meus colegas acadêmicos me dizem é: estamos no tempo do fim do trabalho. Eles chegam a dizer para mim, esse assunto que você está pesquisando é uma coisa tão velha..., abandone esse assunto, ninguém mais estuda trabalho na academia, na Universidade hoje. Digo, tudo bem, que seja só eu. Mas realmente, discutir esse tema hoje, recuperar o trabalho como categoria chave da compreensão da história, não quer dizer que tenhamos que recuperar o discurso da centralidade do trabalho na teoria social, para mim basta que recuperemos o trabalho como categoria chave da compreensão da história.

*... existiria uma teoria espacial do trabalho? Uma geografia do trabalho? Uma teoria metabólica do trabalho? E afinal de contas, que referência intelectual é a que nós temos diante nessa discussão sobre o trabalho? A minha é Marx*

Uma segunda recuperação deve ser o primado do sujeito na teoria social. Não há mais sujeito na teoria social. Não há, portanto, mais teoria social. Temos que recuperar a teoria social. O que vai acontecer numa estratégia do capital a partir desta Guerra é que o capital vai recuperar o discurso social abandonado pelo neoliberalismo. Porque os neoliberais chegaram para nós e disseram: é o fim do Estado, é o fim do trabalho, é o fim da história, é o fim do social, é o fim da totalidade, é o fim da modernidade. E faziam isto mandando-nos trabalhar. É o fim do trabalho, vamos trabalhar!

Faziam isto usando a máquina do Estado. É o fim do Estado. FHC nos dizia isso o tempo inteiro. É o fim das fronteiras, mas os EEUU vão manter o protecionismo. É o fim do social, aqui no Brasil. Acaba-se com a legislação do salário mínimo, acaba-se com os direitos e conquistas sociais, mas lá na França aumentam, na Espanha aumentam. É o fim da empresa estatal, mas as empresas compradas aqui no Brasil no setor de telecomunicações, foram compradas por estatais espanholas. Então, é o fim aqui, não o fim lá.

Recuperar o trabalho como categoria chave da compreensão da história, restabelecer o primado do sujeito na teoria social e resgatar o papel e o projeto da classe trabalhadora como sujeito, estes seriam os três apontamentos básicos que eu quis expor nesta apresentação. Mas não só resgatar o sujeito na história, na teoria social, resgatar a classe do trabalho, como sujeito da história. A final de contas, nós trabalhadores não temos um projeto da história? Talvez, isso é que falte nesse período pré-eleitoral<sup>3</sup> no Brasil, que os trabalhadores

disputem eleitoralmente um projeto de Brasil, um projeto de história para o Brasil. Porque o anterior da substituição de importações não nos interessou. Nem o do Estado de bem-estar social, chamado de “socialismo dos tolos” pelo Francisco de Oliveira não nos interessou. Do neoliberalismo, muito menos ainda. Então, que projeto é este? Porque sem projeto não se chega a lugar nenhum. Não estou fazendo campanha de partido político nenhum, até porque o partido a que eu sou filiado está com um projeto de programa que eu sou o primeiro a dizer que eu não aceito. Eu quero um outro tipo de projeto, é preciso um projeto de um sujeito.

E por fim, temos que atualizar o conceito e formas de existência do trabalho e do trabalhador. Tema, que eu deixo para um debate posterior, que eu chamaria de uma *geografia da diferença*. Não dá mais para continuarmos a encarar como trabalhador, o trabalhador da fábrica, e como o mundo do trabalho, a fábrica. O camponês também é um trabalhador, o pescador para mim é um trabalhador, as comunidades indígenas que hoje estão derrubando madeiras para as madeiras, são trabalhadores. Então, o que nos teríamos hoje como trabalhadores? O que eu chamaria de uma polissemia do trabalho, uma polissemia do trabalhador, é por isso que talvez a nossa sociologia esteja caduca, nos levando a equívocos do tipo: classe social hoje é um conceito morto. Morto é o conceito de classe social que nós tivemos até há pouco. Vivo, é o conceito de classe social novo que a gente cria. O que seria uma classe trabalhadora? Os camponeses não seriam uma classe trabalhadora hoje? Os professores universitários não seriam classe trabalhadora nos dias de hoje? Os cientistas não seriam classe trabalhadora nos dias de hoje? Os

*Recuperar o trabalho como  
categoria chave da compreensão da  
história, restabelecer o primado do  
sujeito na teoria social e resgatar o  
papel e o projeto da classe  
trabalhadora como sujeito*

<sup>3</sup> Em referência às eleições presidenciais de 2002.

camponeses seriam trabalhadores, por exemplo, naquele plano da relação metabólica. Eles não fazem trabalho? Eles não realizam trabalho? Ou só quem mexe com a ferramenta na fábrica?

### Debate

**Platéia:** Você colocou que há dois modos de conceituar o que é trabalho: 1) a relação metabólica homem-sociedade-natureza, a troca entre o homem, a sociedade e a natureza; 2) e o processo mediante o qual se realiza o salto do reino da necessidade ao da liberdade. Você está colocando esta dicotomia enquanto questão analítica ou não? Porque me parece, retomando a própria discussão sobre o trabalho no campo do marxismo, que seria impossível fazer esta dicotomização na discussão do trabalho partindo dessa dualidade.

Uma segunda questão, que você colocou como o grande diferencial hoje do imperialismo seria entorno da questão dos ganhos de produtividade, mas não seria, por exemplo, o espaço que os países ocupam dentro da cadeia imperialista, que determina, por exemplo, aprofundamento de formas de subordinação ou mesmo alguns países capazes de escapar desta forma de subordinação como a Coreia ou os Tigres Asiáticos? Parece-me que seria interessante explorar na sua fala o que Mészáros chama de poder da ideologia: a ação imperialista tem a ver com uma reconstrução ideológica muito mais profunda.

E para finalizar, a questão do resgate do sujeito na história. Acho que seria importante

trabalhar um pouco mais, sobretudo porque tem toda a discussão dos pós-modernos que suprimem o sujeito na história.

**Platéia:** Qual é a sua opinião sobre a seletividade da financeirização e das “velhas formas” de que fala Chesnais, em relação, com a matéria prima como uma componente da exploração dos países desenvolvidos e da mão de obra barata como um grande fator de produção?

**Prof. Ruy Moreira:** Á respeito da primeira pergunta, ou seja das duas formas de entender o trabalho: como relação metabólica homem-sociedade-natureza e como o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade. Não era minha intenção considerar ambas formas de maneira dicotômica. Na verdade, quis apresentar duas maneiras diferentes de dizer uma mesma coisa. Tanto uma como outra, são duas maneiras de dizer um mesmo conceito. São duas maneiras de redigir um mesmo conceito de trabalho. Não seriam dois conceitos e não seriam dois conceitos mutuamente negadores.

Sobre a segunda questão [o grande diferencial do imperialismo seriam os ganhos de produtividade] a idéia que quis desenvolver foi que sem uma configuração geográfica dada o processo do capitalismo não acontece. A história não acontece senão através de uma determinada maneira de ela existir geograficamente. De onde se deduz que não existe uma separação entre geografia e história. A história se realiza através da geografia. Quem quisesse estabelecer alguma relação de importância recíproca entre história e geografia, não conseguiria. Por que para que algo possa existir concretamente como história precisa que o tempo, sobretudo, exista sobre uma forma de geografia. O tempo só existe como espaço. O próprio fluxo do tempo depende da sua arrumação espacial. Uma sociedade só existe na medida em que ela exista geograficamente, e esta foi a grande contribuição do Milton [Santos] para nós. Na verdade, um

*não existe uma  
separação entre  
geografia e  
história. A  
história se  
realiza através  
da geografia*

desenvolvimento que ele traz para a geografia das idéias produzidas por Lefébvre. As da sociedade como sendo aquilo que é a sua produção espacial. O modo de produção da sociedade é seu modo de produção do espaço. É produzindo seu espaço que produz a sociedade.

Agora, isso que já era sabido nosso, o que eu quis fazer de acréscimo foi a afirmação de que, o capital para acumular, precisando ter que fazer isso geograficamente usa de mil formas de configuração, mil formas de configuração geográfica. Por exemplo uma dessas que você citou: a dos ex-Tigres Asiáticos. A outra é a dos *recortamentos* territoriais dos grandes impérios coloniais. O que me parece central nessas configurações todas, por maior que seja a sua diversidade de formas, é que elas têm uma coisa em comum, um eixo básico que é o fato de que quem gera aquilo que o capital acumula, que é o valor produzido, é o trabalho. As configurações são as mil formas geográficas que o capital encontra na história de primeiro fazer que o trabalhador produza valor, segundo, que este valor produzido, seja produzido no montante máximo possível ao custo mínimo possível, e terceiro, que isto, que tem que passar pelo custo, no tocante ao custo do trabalho, possa ser neutralizado até onde se possa neutralizar.

Por exemplo, há certos custos que o capital não tem como neutralizar. Há certos outros custos que o capital tem como neutralizar. Não incluso alguns outros que ele pode neutralizar a ponto de torna-lo negativo. É o caso do trabalho. Na lista de variáveis que formam o custo de produção, nós vamos ter vários itens, várias variáveis. Uma dessas variáveis é recursos, matérias primas. Outra variável é a relação que a empresa tem com o Estado.

*A mais-valia segue sendo a  
única fonte de valor, é  
produzindo a mais-valia que  
se produz valor, e só o  
trabalho produz mais-valia*

Poder político, de barganha política, de obter facilidades disso ou daquilo. É uma variável do custo. Por exemplo, discutimos isso, ao discutirmos a teoria da localização da empresa. É uma questão de barganha na relação da empresa com o Estado, as facilidades da localização. Mas a variável verdadeira, verdadeira no sentido de que as outras são formas de manifestação dela ou recursos criados para que ela possa acontecer, é o trabalho. A mais-valia segue sendo, creio eu, ainda hoje, a única fonte de valor, é produzindo a mais-valia que se produz valor, e só o trabalho produz mais-valia, valor a mais. O grande problema do capital foi,

primeiro, como fazer que o montante de mais-valia produzido fosse o maior possível, como fazer que o trabalhador ao produzir mais-valia produzisse a maior quantidade de mais-valia possível. E segundo, como transformar esta mais-valia produzida no máximo do montante possível, no máximo de lucro possível. A minha resposta é, através de muitas e várias formas de configuração geográfica. A localização da fábrica, o sistema de distribuição de fábricas, a organização do sistema de transporte, a facilidade de comunicação, tudo isso acaba não sendo mais do que configuração. A divisão territorial do trabalho é uma mais dessas configurações. Qual seria a diferença, então, que acaba dando a esta coisa chamada divisão territorial do trabalho no mundo das configurações territoriais do processo de acumulação do capital, o real sentido. O fato de a configuração para poder funcionar ter que ser a melhor organizada possível, e quem melhor organiza a configuração, do ponto de vista da melhor organização para a acumulação do capital, é a divisão territorial do trabalho. A divisão territorial do trabalho é um outro nome da configuração geográfica dos processos, só

que podemos ter uma configuração geográfica que não seja tão bem organizada.

Passando para a questão do poder da ideologia. Parto de que o mundo de hoje é um mundo de imagens. De imagens cada vez mais intencionais. Se paisagem sempre foi sinônimo de imagem, talvez pudéssemos, hoje, inverter dizendo, imagem hoje é sinônimo de paisagem. Vivemos na época das imagens. Imagem é representação. Na linguagem dos dias de hoje é a linguagem do símbolo, é a linguagem do signo. A verdadeira linguagem que fala hoje não é a linguagem falada, é a linguagem vista. E todo processo hoje de representação e de ideologia é aquele que melhor resolva a seguinte metamorfose, da palavra na imagem. Como transformar a palavra na imagem de modo que a imagem substitua a fala e fale pela fala. Que a imagem fale pela fala substituindo a palavra falada, de modo que ela por sim conduza, com a sua imediatez, e rapidez de instantaneidade direto às pessoas àquilo que se quer dela.

Por exemplo, você está vendo um programa, um filme, uma novela, uma coisa qualquer no cinema ou na televisão e de repente lhe dá uma enorme e maldita vontade de tomar Coca-Cola e não apareceu a imagem da Coca-Cola em momento nenhum na imagem, seja na telinha do cinema, seja na televisão, aparentemente. O cinema, a televisão são fotografias fixas, imagens fixas, mais postas numa seqüência de sucessão de apresentação com uma rapidez tal que cria a ilusão de movimento, no que o cinema é isto, uma dessas imagens fixas era a imagem de uma garrafa da Coca-Cola. Só que aquela fotografia da garrafa da Coca-Cola foi colocada numa quantidade de fotografias menor do que a quantidade de fotografias das outras imagens. Aquelas colocadas numa ordem seqüencial apresentada em rapidez. As outras imagens pela quantidade de fotografias fixas dela, vieram a sua retina, a

sua apreensão a sua percepção visual. Mas aquela outra, a passagem foi tão rápida, que ela era de quantidade tão pouca que a sua percepção não sacou, o seu subconsciente, no entanto, captou, e o seu subconsciente devolveu a imagem na forma da sede, não da água e não de um guaraná, mas de uma Coca-Cola. É a propaganda subliminar.

O filósofo Baudrillard, chama isto de simulacro, nos dizendo o seguinte: o nosso tempo é o tempo do controle dos homens através do jogo da imagem, de montar-se um mundo de imagens, apresentando o mundo através dessas imagens, mas imagens que representando o mundo, na verdade, são falsas imagens do mundo verdadeiro. O simulacro é a falsa representação.

Quando pego uma pessoa e faço um desenho dela, estou representando-a. É isto a representação.

*A divisão territorial do trabalho é um outro nome da configuração geográfica dos processos*

Quando eu uso desta minha arte de desenhar, transformar essa pessoa numa representação em desenho, para falsificar a sua imagem, embora usando seus detalhes de

rostro, e apresentando a imagem que eu fiz para outras pessoas, e outras pessoas reconhecendo-a, por exemplo, através de uma charge. Mais através disso estou criando para outras pessoas uma imagem que passa a ser para essas pessoas a imagem da pessoa desenhada. Eu usei de uma falsa representação, um simulacro. É isto o papel da mídia nos dias de hoje. E isto é mais poderoso do que a ideologia. Por que a ideologia acaba ficando embutida nisso.

Na verdade estou trabalhando com as idéias de Henri Lefébvre, um livro belíssimo chamado,

*Presença Ausência.*

Um livro sobre a representação que ele escreveu com a seguinte intenção, advertir aos marxistas para o seguinte:

os marxistas

trabalharam a vida inteira com a ideologia e dispensaram a representação. Partindo do princípio da afirmação de Hegel, de que a representação é falsa, ai ele reproduz Platão, então se é falsa a gente deve dispensar por que, falso por falso a ideologia já é uma falsa representação do mundo. Ai diz Lefébvre, no momento em que os marxistas levados por essa ótica *hegeliana*, mal lida pelo próprio Marx, dispensaram o discurso da representação para trabalhar só com ideologia, em vez de trabalhar com as duas coisas, perderam a percepção do tempo nos dias de hoje. Porque nos dias de hoje a própria ideologia é trabalhada a partir do jogo da representação.

Trabalhando com a representação, sobretudo no sentido do simulacro, você já está trabalhando com a ideologia. Só que muito para além da ideologia como uma estrutura da sociedade, ao lado da estrutura cultural, da estrutura econômica, por que é muito mais que uma estrutura o discurso da representação. A representação é a constituição da própria idéia de mundo nosso. Você trabalha direto com pensamento, você trabalha direto com as mentalidades. Parece-me uma coisa muito mais poderosa.

Não suprime a importância de percebermos o jogo ideológico, é o que Lefébvre afirma, incorpora o jogo ideológico, por isso que fica mais perigosa nos dias de hoje a representação, o simulacro. E isso nos fala muito direto, a geografia trabalha justamente

*nos dias de hoje a  
própria ideologia  
é trabalhada a  
partir do jogo da  
representação*

com imagem, e nos fala muito direto até no sentido de dizer, eis, por que a nossa sensação de que a geografia que nós temos perdeu atualidade, perde permanentemente atualidade, com uma rapidez tão grande. É que a geografia ainda não descobriu que ela é representação, e que ela trabalha com representação, então faça isso com consciência teórica.

Essa questão do resgate do sujeito, ligada ao pós-moderno, requereria que a gente fizesse toda uma discussão sobre o pós-moderno. Mas eu diria o seguinte, para mim está ligada à problemática da globalização. O que eu entendo por globalização, é a realização do capitalismo plenamente como um modo de produção em escala planetária. Não-capitalismo, pré-capitalismo, são conceitos que valeram para um certo contexto de época, não valem para os dias de hoje. Valem para os dias de hoje essas expressões, mas lidas sobre uma outra forma, como Rosa Luxemburgo nos tentou advertir. Ela trabalha com a idéia de não-capitalismo. Rosa Luxemburgo dizia: para o nosso tempo do Imperialismo já não basta trabalharmos com pré-capitalismo, isso é coisa para o tempo em que o capitalismo estava na sua fase de acumulação primitiva, aí dava para se falar de pré-capitalismo, para os dias de hoje cada vez estamos em menos condições de falar em pré-capitalismo, por que aquilo que até há pouco era pré-capitalismo, ficou tão penetrado pela lógica até cultural do capitalismo, que deixou de ser “pré” virou um “não”.

Então você pensar hoje no campesinato como um pré-capitalismo é um pouco complicado. E qual é o grande problema do MST? Como avançar dentro de um modo de mercado, ou seja como produzir e vender, sem conceder nada a este mercado simplesmente coexistindo com ele. De que adianta nos assentamentos do MST produzir se não têm como vender numa economia que depende precisamente do fluxo monetário?

Mas vender para quem? Esse é o grande dilema do MST, por exemplo, com a CUT. Por que a CUT não vira um parceiro consumidor dos produtos do MST, criando uma sociedade civil brasileira forte a partir deste elo, forçando ao MST a não ter que inventar formas de venda de mercado, tendo que burlar o poder cada vez maior do mercado globalizado? Como fazer isso? Esse é o grande problema do movimento camponês. Por isso que o campesinato sacou em todos os cantos do mundo, mercê até da globalização, favorecido por essa escala geográfica chamada globalização, que tem que haver uma Internacional Camponesa. Que já existe uma Internacional Camponesa. O que aconteceu no Fórum Social de Porto Alegre foi exatamente manifestação dessa Internacional Camponesa. [José] Bové juntou-se com o [João Pedro] Stédile, com o MST, e invadiram a plantação de transgênicos da Monsanto. Essa é uma manifestação que a gente não imaginava de um campesinato até uns trinta anos atrás, facilitados por uma nova Internacional, que é, por exemplo, o Fórum Social Mundial. Ou isto não é um tipo novo que aponte pelo menos para um novo tipo de Internacional? Não a Internacional de sindicatos, nem de trabalhadores de fábrica, mas que é uma contestação ao capitalismo.

O que quer dizer anti-globalização? Nome com que passou a se designar o movimento de Seattle, de Gênova e de Porto Alegre. Movimento que por sinal é tão anticapitalista, não no sentido proletário, não no sentido marxista, anticapitalismo no sentido de crítica dos que não aceitam já viver dentro da lógica do mercado, anticapitalismo pelo menos neste sentido, tão anticapitalista, então, que a primeira manifestação que eu li na imprensa a respeito da declaração de guerra ao Afeganistão, foi dos movimentos, das ONG's que participam do movimento de antiglobalização norte-americanas. Os seus dirigentes vieram até a imprensa e disseram:

estamos muito temerosos de todo este andar da carruagem, e somos os primeiros a dizer que somos contra qualquer redução dos direitos civis e das liberdades que sempre existiram nos EEUU, na sociedade americana, que inclusive sempre foi uma de suas características, por que nós já estamos sacando que a primeira vítima de esta situação é não se dizer o que é

*De baderneiro  
para terrorista é  
um pulo para a  
repressão*

terrorismo e acusar amanhã todo mundo de terrorismo. Até o movimento antiglobalização. Nada impede que amanhã o

movimento antiglobalização seja reprimido em nome da repressão ao terrorismo. Chamar o movimento de Seattle ou de Gênova, que teve a primeira vítima da luta antiglobalização, como terrorismo. De repente aquele cidadão que morreu lá, morreu por que era um terrorista, morreu num ato de terrorismo. Antes chamavam de baderneiros. Nada impede que de aqui a pouco vire de baderneiro para terrorista. De baderneiro para terrorista é um pulo para a repressão. Questão de qualidade das coisas.

Quando o capitalismo atinge esta escala nova, um conjunto de questões filosóficas se esgota. Eu não vou ter tempo de aprofundar isto aqui, mais este é um tema ótimo: o grande sonho da filosofia clássica no seu nascedouro na Grécia, era o mundo todo como um todo e em todos cantos organizado de acordo com as verdades universais da metafísica. Por exemplo, a justiça social é um discurso metafísico. Mesmos direitos sindicais, mesmos direitos trabalhistas, mesmos direitos salariais, mesmos direitos para todos, é um discurso da metafísica. Democracia como valor universal é uma metafísica.

Parêntesis. Estou trabalhando com um conceito de metafísica que não é o oposto da dialética. A dialética e a metafísica não são os opostos. Isso é uma leitura muito empobrecedora que se fez, inclusive e sobretudo, no campo de um certo marxismo. A dialética incorpora certos níveis necessários de metafísica. A metafísica é todo o que remete ao discurso de universalidade. Que transporta o discurso do singular, do empírico, palpável, para um discurso de verdade mais geral. Transformo, por exemplo, uma pessoa concreta no Ser Humano. Transformo o singular num discurso universal. Este é o procedimento da metafísica. A dialética tem que incorporar esta metafísica. Hegel foi o último dos metafísicos. Então o grande sonho de um Platão, o grande sonho de um Aristóteles, o grande sonho de um Heráclito era ver o mundo todo, todos os cantos do mundo, nos dias de hoje diríamos mundo todo, no conceito de planeta terra, se organizando dentro do todo, da universalidade da metafísica. As sociedades contemporâneas destes filósofos clássicos não tinham, até por razões tecnológicas, condição de concretizar isto, o capitalismo é que logrou esta possibilidade.

Milton Santos teve muitas intuições, uma das que eu mais gosto é esta, materializada na seguinte afirmação dele: o espaço virou a realidade de nosso tempo, por que a tecnologia nele transformou o tempo. A tecnologia logrou transformar o tempo no espaço como uma realidade empírico-universal. Hoje nós temos um tempo que é o mesmo para todos os lugares do mundo, mas por que o mundo todo se organizou entorno de certos padrões espaciais comuns, por exemplo: o fuso horário; a técnica das coordenadas geográficas. O GPS mal existiria sem esta temporalidade

*Quem não consegue ler o mundo hoje espacialmente, simplesmente não consegue ler o mundo hoje, por que as categorias explicativas do mundo hoje são as categorias espaciais*

tecnologicamente transformada no espaço. A forma que ele diz é outra então [sic]: “o tempo foi transformado pela técnica, na realidade empírica do espaço”. Por isso que não concordo com a leitura do Virilo de que o tempo na sua aceleração encurtou tanto as distâncias que eliminou o espaço. E também com a idéia gêmea de Harvey da compressão do espaço, como sendo o encurtamento do tempo que se leva para chegar de um lugar a outro e o planeta terra está ficando cada vez mais curtinho, Harvey chamou isso de compressão do espaço na *Condição Pós-Moderna*, o espaço está se comprimindo cada vez mais. Teóricos como Virilo completam dizendo que o tempo é que está existindo, e só ele, e o espaço é que está acabando. Eu estou mais com Milton Santos, a verdade o tempo que está virando espaço, da maneira que o que está existindo na verdade hoje é o espaço. Se antes

o espaço era uma variável do tempo, na aquela idéia de que espaço é a distância entre dois lugares, por exemplo, Rio e Presidente Prudente, hoje é o tempo que está virando uma variável do espaço. E esta foi a grande “sacação” de Lefébvre. Quem não consegue ler o mundo hoje espacialmente, simplesmente não

consegue ler o mundo hoje, por que as categorias explicativas do mundo hoje são as categorias espaciais. Pela razão pura e simples de que o mundo hoje se organiza em termos espaciais. É como se a metafísica dos clássicos finalmente tivesse se concretizado e para mim isto é a globalização, a metafísica dos clássicos concretizada como escala geográfica planetária. Só que quem, ai o conteúdo é a forma, se realizou com esta realização planetária da metafísica foi o capitalismo, que foi quem incorporou os conteúdos da metafísica, até no

seu movimento revolucionário, por isso que acho que os pós-modernos estão equivocados.

E, para mim, essa é minha leitura, o pós-modernismo tem mais de ideologia que de sabedoria filosófica, de representação filosófica concreta. Na verdade o que os pós-modernos estão querendo esconder é que tudo aquilo que a burguesia na sua época de ascensão revolucionária criou de cultura forte de filosofia verdadeira, hoje a burguesia quer negar de qualquer jeito. E a maneira hoje de negar é dizer: não há mais validade para discursos do tipo, totalidade, a verdade é o todo, isso é coisa dos modernos, coisa dos iluministas, a verdade não é o todo, a verdade não é identidade, a verdade não é o permanente, a verdade é o efêmero, a verdade não tem ligação com nada, a verdade é fragmento. Só que o bombardeio norte-americano no Afeganistão está mostrando que cada vez mais a verdade é um todo.

Não significa dizer que eu esteja dizendo que tudo quanto o discurso pós-moderno trouxe para nós e imprestável e devemos jogar fora. Eu leio tudo dos pós-modernos que eu posso, porque me aumento meu poder de crítica do discurso da modernidade, por que para mim não existe essa dicotomia: uma coisa é a modernidade outra coisa é a pós-modernidade. Como se tudo da pós-modernidade fosse válido e tudo da modernidade fosse inválido. Mesmo porque o que seria válido na pós-modernidade só poderia ser válido na medida em que viesse no processo de transformação do moderno. E uma dessas temáticas mais fortes da modernidade que atravessa a pós-modernidade e vai vencer a pós-modernidade é questão do sujeito, inevitavelmente.

Por exemplo, todos nós, queiramos ou não, cedo ou tarde, concordemos ou não, vamos ter que encontrar a nossa resposta para o que está acontecendo nesta invasão do Afeganistão, todos nós, cedo ou tarde, porque isso vai nos atingir diretamente, nos nossos

valores metafísicos, nos nossos valores éticos. Eu diria inclusive, que até há pouco, conquista para nós trabalhadores era salário, era férias, era licença gestante: as chamadas conquistas sociais. Para mim conquista hoje, além destas, será conquista se acrescentar outras qualidades de conquista. A democracia é uma conquista tão *sine qua non* quanto à conquista do salário. Nesse sentido, eu diria que o capitalismo não está em crise permanente, prolongada. Essa visão de [Ernest] Mandel eu não incorporo, eu diria que o capitalismo está se renovando permanentemente, mas já foi dito por alguém, que o capitalismo para poder sobreviver na história, a condição é que ele se auto-revolucione permanentemente.

O problema é que nos dias de hoje a democracia capitalista está cada vez mais difícil de ser garantida pelos próprios interesses do capitalismo. A primeira coisa que o governo norte-americano faz é limitar a democracia dentro dos Estados Unidos o que pode ser inclusive, um tiro pela culatra para a própria hegemonia norte-americana no mundo. É o que realmente me deixa preocupado é a minha

*o pós-modernismo  
tem mais de  
ideologia que de  
sabedoria  
filosófica, de  
representação  
filosófica concreta*

sensação de que tudo o que está acontecendo, está acontecendo do jeito que está acontecendo, porque tudo isso está comprovando que o que hoje menos interessa para o interesse do capitalismo internacional é

a continuidade da hegemonia norte-americana sobre ele. Estou com a impressão que para o próprio interesse do capitalismo é cada mais desinteressante a hegemonia dos EEUU. Porque a única maneira que os EEUU têm de solucionar os problemas é através da arma. E o capitalismo globalizado, internacionalizado,

mundializado, realizado globalmente, não precisa disso mais.

Qual seria a diferença entre o imperialismo e a globalização? O imperialismo clássico e o imperialismo como existe hoje? É que no passado para ser capitalismo tinha que apelar por um tipo de imperialismo do tipo recortamento territorial da superfície terrestre e de designação de propriedade nacional. Isso aqui é dos EEUU, isso aqui é da Inglaterra. Para uma economia fortemente transnacionalizada é onde o capitalismo está em todos os lugares, isso já é desnecessário. A territorialidade hoje para o capital é da mais livre territorialidade possível. Do fluxo territorial mais aberto possível. A fronteira estaria virando problema para o capitalismo.

Para finalizar comentar algumas questões da pergunta em relação às matérias primas e à “financeirização” da economia. Qual vai ser a matéria prima do futuro? O código genético. Com ele vai se fazer tudo. Para se produzir materiais hoje com os quais se possa fabricar automóveis, geladeiras, televisores há que se consumir matérias-primas minerais. Até onde está indo a minha leitura, de futurologia talvez, estas coisas que hoje se produzem com uso dos minerais, necessariamente amanhã vão se produzir sobre a forma de novos materiais, mas com o mesmo tipo de uso e utilidade, com o código genético. Essa é a experiência dos automóveis Gurgel no Brasil. Fazer a parte de lataria do Gurgel com fibra de bananeira, placas de fibra de bananeira e não de metais. Aqui a tecnologia, a engenharia genética está caminhando mais neste sentido. Caminha-

se para a direção dos supercondutores, por exemplo, no sistema de energia, e cada vez mais os supercondutores vêm do mundo vegetal, do mundo vivo e não do mundo mineral. E isso está inclusive mudando a natureza e o conceito do mundo da indústria. O que hoje, cada vez mais, as indústrias siderúrgicas do Japão produzem, não é aço, é cerâmica técnica para supercondutores. Então, na medida em que a engenharia genética avance, toda aquela configuração baseada em regiões climáticas morre. É uma desterritorialização dos climas, das formas de vegetação e assim sucessivamente. Então, a relação com a natureza muda e a territorialidade conseqüentemente muda.

Mas o que mais provoca mudança, avançando na segunda parte da questão, é, para mim, um deslocamento de centralidade da forma hegemônica do capital. Quem hegemoniza o mundo já não é mais o capital industrial. E não é mais nem o capital financeiro, aquele vindo da fusão dos monopólios industriais com os monopólios bancários. O próprio capital financeiro, hoje, mudou de natureza. Ele hoje é tipicamente capital rentista-especulativo, e para mim isso é a

“financeirização”. Meu conceito de “financeirização” eu não tiro do Chesnais, eu tiro de um brasileiro chamado José Carlos Braga, professor do Departamento de Economia da UNICAMP. A idéia dele de

*A territorialidade hoje para o capital é da mais livre territorialidade possível. Do fluxo territorial mais aberto possível. A fronteira estaria virando problema para o capitalismo*

“financeirização” passa pelo conceito de “securitização”, que traduzindo quer dizer o seguinte: a colocação da propriedade do patrimônio, quer dizer das empresas, do crédito, quer dizer o jogo de empréstimos e financiamentos e da moeda que é a verdadeira

regulação espacial dos dias de hoje, tudo hoje é regulado espacialmente através da regulação da moeda. A moeda hoje é quem organiza os espaços e os fluxos espaciais. Isso é outra coisa analisada por Milton, a relação dinheiro-território.

A propriedade dessas três coisas numa mesma e única mão, a do dono do capital rentista. A isto Braga chama de “financeirização”.

Isso levou o mundo todo a se endividar. Países, pessoas, e é isto o Astral, é isto o Plano Real e é isto o nosso medo de que mudando o governo, o governo novo abandone o Real. Tanto o PT sacou isto que é o mais plausível de governar o país a partir do próximo ano, e já antecipou,

*Bolsa de  
Valores, a  
representação  
geográfica  
máxima do  
capital  
especulativo*

“não vamos acabar com Real”. Porque todos nós estamos endividados e não só, todos nós estamos endividados pelas regras do Real. O nosso medo não é que o Real acabe, e que uma nova moeda venha com regras novas, e essas regras novas sejam tão diferentes das regras nas quais já estamos endividados, que aí não tenhamos mais governabilidade sobre nossas próprias finanças. Porque estamos todos regidos na nossa auto-governança pelas regras do Real. Essa idéia da “financeirização” é interessantíssima, explica o porque da privatização. Explica porque a privatização das estatais é feita nas bolsas de valores através de leilão. Não há simbolismo geográfico maior para explicar quem hoje domina o mundo, do que uma empresa estatal como a CSN ser privatizada através de um leilão, leilão é coisa de especulador, e na Bolsa de Valores que é a representação geográfica máxima do capital especulativo.